

30/10/2019

“Di Menor”, direitos humanos e a fábrica de robôs

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Secretária da Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Goiânia
Membro do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino.
Professora da Universidade Estadual de Goiás]

Escrevo para dilatar minha experiência e compartilhar a carga dos acontecimentos que me atravessam. Este texto nasceu da avalanche de emoções de que fui tomada na reunião do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino¹. Primeiro ponto de pauta: relato dos casos de violação dos direitos humanos no Estado de Goiás. O advogado popular atualizou os presentes sobre o andamento da ação judicial que trata da chacina Solar Bougainville, na periferia de Goiânia, que resultou na morte e desaparecimento de quatro jovens negros, em abril de 2018. Contam as famílias que os amigos estavam reunidos em casa, jogando videogame, quando outro rapaz pediu-lhes que deixasse um carro (não sabiam da suspeita de roubo) por algumas horas na garagem da residência, e logo se retirou. Os jovens foram então surpreendidos por policiais que invadiram a casa sem autorização judicial, tirando-lhes a vida. Poucos detalhes do trágico episódio foram suficientes para que minha concentração descolasse dos assuntos seguintes da pauta. Durante a reunião, eu folheara o livro² que trazia na capa os rostos dos meninos, escrito por Maria Ramos, avó de uma das vítimas. Maria custeou a impressão do livro com recursos próprios, quão insuportável era aguardar o prazo para a publicação na editora parceira do Comitê. Aleatoriamente, abri na página em que a escritora descreve “Di Menor”, o garoto de 14 anos que segue desaparecido. Aspirante a cientista, Di Menor se diferenciava pela vaidade e astúcia: tinha o sonho de, um dia, fabricar robôs. Semanas após a reunião do Comitê, convidei Maria Ramos para lançar seu livro na Universidade Estadual de Goiás. Ela chegou acompanhada de Kelma, mulher negra com um olhar semelhante àquele retratado na gravura de Albrecht Dürer: *Melancolia I*³, de 1514. Fomos apresentadas: “*Carol, esta é Kelma, mãe do João Vitor, o Di Menor*”. Fui novamente tomada por uma avalanche de emoções. As palavras se esvaíram. Todas as tentativas de domar o inexpressivo e deslocar a emoção, foram frustradas, pois Kelma é mulher de uma pauta só: seu filho de 14 anos há um ano e seis meses desaparecido. Dissera-me que desde o desaparecimento de João Vitor dorme em média duas horas por noite. Passa as madrugadas imaginando onde e como estaria seu filho, vivo ou morto. Todos os assuntos vertem-se para o Di Menor: o que ele mais gostava de comer, os apelidos que ele inventava, suas manias e “má criações”.

Na minha imaginação, Di Menor se afastava de uma estatística impessoal e ganhava contornos que o faziam semelhante ao meu irmão, sobrinhos, primos, alunos.

A narrativa sensível de Kelma emocionava não só a mim, mas a todos os que nos escutavam. Di Menor expandia-se para além do indivíduo, tornava-se o rosto aflito da juventude brasileira. Afinal, da insônia de Kelma padecem centenas de mães em Goiás, estado que duplicou o número de homicídios de jovens entre 15 e 29 anos na última década⁴. O aumento expressivo dos homicídios de jovens ocorreu não só na região metropolitana, também no interior. Nos discursos dos agentes públicos (gestores, delegados, juizes, jornalistas), o problema das drogas soa como fator primordial da violência e da criminalidade entre os jovens, quando sabemos se tratar de um problema estrutural, da ausência perversa do Estado na garantia de serviços sociais básicos: educação, lazer, mobilidade urbana, saúde, emprego, segurança. Esta última, quase sempre substituída por ações policiais ostensivas.

Aliás, no quesito violência policial, Goiás tem se despontado nacionalmente, a exemplo do caso que circulou esta semana na imprensa: dez policiais goianos condenados por tortura (choques e afogamentos) ao pedreiro Michel, falso suspeito de estupro. Apesar dessa importante decisão judicial, a impunidade é constante na história de Goiás e do Brasil.

Milícias, grupos de extermínio, massacres, chacinas e retaliações policiais têm provocado, e não é de hoje, uma forte desconfiança social perante a corporação.

As horas junto à mãe e avó dos garotos do Solar Bougainville deram-me uma noção - ainda muito tímida - dos limites impostos à reprodução social das famílias vítimas dos massacres. Suponho que os responsáveis e operadores desses atos também são incapazes de imaginar que, por trás daqueles corpos juvenis há, sobretudo, mães e avós que nunca mais dormirão. Crianças que crescerão em lares habitados pela depressão. Casas abandonadas porque decoradas de violência. Pratos nunca mais preparados porque, antes, especiais. Roupas doadas. Apelidos nunca mais pronunciados porque cortantes.

Não, eles não imaginam... Agem como robôs.

Certamente, não eram esses os robôs que Di Menor sonhava, um dia, fabricar. ■■■

Citações

1. Há 3 anos, o Comitê é constituído por mais de 70 coletivos e movimentos sociais. Aproveito a oportunidade para convidar os leitores para a 3ª Jornada Goiana de Direitos Humanos, prevista para o período de 9 a 15 de dezembro, em Goiânia (GO). O evento terá, como conferencista de abertura, o defensor de direitos humanos, Frei Betto. Lembrando que celebramos, em 2019, os 71 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
2. RAMOS, Maria. *Por que não me sinto segura dentro da minha própria casa?* Chacina Solar Bougainville. Grupo Mães pela Paz. Goiânia(GO): Kelps, 2019.
3. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Melancolia_I
4. Dados retirados de nota da Secretaria de Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://secom.ufg.br/n/49759-homicidios-em-goias-duplicam-na-ultima-decada>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.